

## **SORO ANTIOFÍDICO**

Depois de dar cuidadoso trato nas palmeiras e coqueiros do amplo jardim de minha residência em Ilhabela, ao arrancar o mato de um dos canteiros de flores, o jardineiro da casa assustou-se ao encontrar, dormindo enrodilhada entre as folhas, uma grande jararaca, cobra venenosa comum nas florestas da Mata Atlântica. Podendo alcançar cerca de um metro e meio, sua picada causa dor e inchaço no local, muitas vezes com sangramento em diversas mucosas. O nome jararaca vem do tupi guarani “yara’raka”, que significa literalmente a capacidade de envenenar ao ser tocada ou pisada.

Existe, aqui mesmo no Brasil, uma outra espécie de jararaca extremamente venenosa. É a chamada jararaca-ilhoa (*bothrops insularis*), cuja peçonha é de doze a vinte vezes mais forte que a da espécie comum. Na Ilha da Queimada Grande, popularmente conhecida como Ilha das Cobras, no litoral sul do Estado de São Paulo, a densidade da jararaca-ilhoa é de cerca de cinco serpentes por metro quadrado. Diz-se que, não fosse seu veneno extremamente letal, as aves por elas picadas conseguiriam voar um pouco e cair no mar, de forma a não poder servir-lhes de alimento. Mas o acesso turístico à Ilha das Cobras é proibido ao público em geral, dado o perigo que apresenta, sendo apenas permitido a cientistas e pesquisadores autorizados pelo ICMBIO. Contudo a pesca e o mergulho em águas próximas, contanto que não haja desembarque, não sofrem nenhuma restrição. Foi ela declarada, por razões óbvias, Área de Relevante Interesse Ecológico - ARIE.

Quem desenvolveu, em fins do século XX, o primeiro soro genérico contra picadas de cobra, foi o médico francês Albert Calmette, engenhosamente obtido através da imunização de cavalos. A ideia foi desenvolvida e aperfeiçoada pelo sanitarista Vital Brazil, do Instituto Butantã, que a aperfeiçoou comprovando que o veneno de cada espécie de cobra (*bothrops*, *crotalus*) precisava de um soro específico. Em 14 de agosto de 1901, esse famoso sanitarista brasileiro disponibilizou, para uso geral, esses novos e eficientes soros antiofídicos, ficando criada, dessa forma, a base sustentável da soroterapia moderna. Vital Brazil, consciente da importância de se ter o soro, de forma gratuita, em todo nosso imenso país, abriu mão da patente que lhe pertencia. Com isso, o Instituto Butantã, de São Paulo, tornou-se referência mundial na produção de antídotos.

Um problema recorrente nas clínicas e hospitais brasileiros é que os soros não podem ser armazenados por mais de três anos, tendo que ser descartados vencido esse período relativamente curto. Já existe, contudo, uma técnica para que possam ser guardados indefinidamente, criada a partir de serpentes peçonhentas da África, mas que, além de cara, é de difícil implementação. Em vista disso, somente em face de um evento extraordinário o Poder Público se animaria a pô-la em prática, porém utilizando cobras venenosas aqui do Brasil, que são diferentes das africanas. Afinal, não se pode perder de vista que, se no

passado eram comuns acidentes de picadas de cobras, essas ocorrências hoje diminuíram significativamente, mesmo nas regiões de maior densidade populacional.

Aproveitei o fim de semana para fazer uma visita a Severina, minha amiga de longa data. Ela já tinha ouvido falar de Vital Brazil, mas pareceu-me que não dá muito importância a ele. Somente entendi a razão disso quando Severina explicou-me o que pensa a respeito. “Seu doutor, conheço um chá que, acompanhado de uma reza brava” - foi exatamente essa a palavra que ela usou - “que também sei de cor, que cura qualquer picada de cobra. Não é preciso de nenhum soro.”

Meus caros leitores e minhas prezadas leitoras, se algum de vocês, por um desses imprevistos da vida, for picado por alguma serpente venenosa, optariam pela receita da Severina ou pelo soro de antiofídico? Eu já sei o que faria...

**Viganó**

**[darly.vigano@gmail.com](mailto:darly.vigano@gmail.com)**